



## REFLEXÃO SOBRE A CONVIVÊNCIA, UMA NECESSIDADE MUNDIAL...

### INTRODUÇÃO

Falar dos cristãos do Oriente é actualmente o pão nosso de cada dia. A Europa acorda, com razão, para os grandes pontos de viragem da história. Nela desperta certamente uma nostalgia oriental; eu diria uma vocação mediterrânica e um regresso à bacia do Mediterrâneo, ao *MARE NOSTRUM*, que é não só o berço da fé, da ciência e da civilização mas também ponto de convergência, de reunião e de confrontações positivas.

Não vim aqui para me lastimar nem para vos fazer sentir pena do destino dos cristãos do Oriente. Foi para reflectir convosco, em voz alta, sobre a dramática situação pela qual os cristãos do Oriente estão a passar nos países muçulmanos, expor a minha reflexão e propor um esboço de solução que o Georges e a Mahassen KHOURY me pediram, em Dezembro de 2014, que viesse falar ao vosso «Colégio de Roma 2015» no dia 8 de Setembro, festa da Natividade da Virgem Santa Maria. Dei a esta intervenção o título «REFLEXÃO SOBRE A CONVIVÊNCIA, UMA NECESSIDADE MUNDIAL».



**A – A SITUAÇÃO DA QUESTÃO:** O mundo árabe, que foi o lugar de encontro das três grandes civilizações monoteístas, é, desde o século passado, não só palco de lutas, de tensões, de instabilidade, de guerras, mas é sobretudo conhecido por ser governado por monarquias absolutas de direito divino e por regimes em que a autoridade actua muitas vezes desprezando os direitos fundamentais. Tendo aparentemente uma forma de unidade metafísica, este mundo deixa adivinhar graves divergências. São visíveis várias civilizações no seio deste mundo que se procura.

### **B – TRÊS REFLEXÕES SOBRE A SITUAÇÃO ACTUAL**

**1ª REFLEXÃO:** Hoje, como sempre, existem conflitos e tensões em todas as regiões do mundo, conflitos de interesses entre os povos. Isto não é novidade! Sempre foi assim, desde Caim e Abel! É uma constante na história! Mas actualmente é diferente! Os meios de comunicação dão-no-lo a conhecer rápida e instantaneamente e vivemos com isso. Mais, assistimos a uma proliferação das armas que semeiam a violência que se barrica atrás das leis, das instituições e das ideologias políticas e religiosas, e conduzem a desigualdades sociais que se caracterizam pela ignorância, pelo analfabetismo, pela pobreza e pela fome, pelos massacres e pela opressão, em nome de uma certa «liberdade de expressão», de uma religião, ou de um dado histórico na maior parte das vezes não justificado.

**2ª REFLEXÃO:** Seria desejável que o debate e a tensão se mantivessem num nível científico e académico. Ora, o século XXI começa por ser «um século religioso». Assistimos ao ressurgimento de adeptos das religiões do Mundo que, sem escrúpulos, chamam sobre si a atenção pela sua filiação religiosa. Unindo-se à identidade, a dimensão religiosa manifesta-se sem escrúpulos e sem complexos, apesar da expansão das «ideias laicas» e da cidadania no mundo. Interpretada de outra



Equipes Notre-Dame

### IIIème Rencontre Internationale des Responsables Régionaux

Roma 6-11 Septembre, September, Setembro, Septiembre, Settembre 2015

forma, gera o radicalismo, o fundamentalismo, o obscurantismo e a rigidez nas ideias prevaletentes em algumas partes do globo. Podemos perguntar: PARA ONDE VAMOS? Para onde vai a HUMANIDADE? Estaremos a caminho de uma terceira guerra mundial? Quando vai acordar a consciência mundial? Quando deixarão os meios de comunicação de distorcer a verdade e, finalmente, trabalhar para o Bem e para a Justiça? Se não forem os valores monoteístas — judaicos, cristãos ou muçulmanos — a impor-se, é o humanismo que tem de despertar, mesmo que não reivindique qualquer Deus.

3ª REFLEXÃO mais positiva: A história mostra que, apesar dos factores de divisão, a convivência entre cristãos e muçulmanos é possível; mais, tem o seu encanto porque é uma exigência internacional. Uma colaboração estreita entre as três religiões monoteístas — Judaísmo, Cristianismo e Islão — tem-se revelado, ao longo dos séculos, muito benéfica e muito enriquecedora. Os fiéis destas três religiões viviam lado a lado no Mediterrâneo medieval, em colaboração, em intercâmbios mútuos, em contactos e em complementaridade. Penso em Damasco dos Omíadas, em Bagdad dos Abássidas, em Alepo, e mais recentemente em Beirute e outras cidades mistas desde o Egipto até aos países do Golfo... Mas que dizer da convivência em Espanha no tempo dos mouros que conseguiram fundar um Califado amigo das ciências e das letras? Em parte alguma os encantos do Islão foram tão valorizadas como no Alhambra de Granada! Além disso, nenhum país da Europa teve uma comunidade judaica tão grande e tão brilhante (Andaluzia, Toledo...). Os cristãos tinham tendência a aprender coisas com os muçulmanos, que introduziram em Espanha as grandes linhas do pensamento grego, inclusive aristotélico, que São Tomás de Aquino procuraria conciliar com o Cristianismo.

A *Reconquista Cristã*, hostil em relação não só ao Islão mas também ao fenómeno de arabização e de berberização, esforçou-se até chegar a expulsar os mouros da península Ibérica e a queimar os seus livros. A mesma sorte tiveram os judeus: muitos foram os que se dirigiram a Constantinopla. O que subsistiu das bibliotecas árabes é ínfimo em comparação com o que elas continham.

Mesmo actualmente, no caso do Líbano, a convivência tem-se revelado muito benéfica e tem mostrado provas positivas, a ponto de se poder encontrar em cada cristão libanês uma parte muçulmana, e em cada muçulmano libanês está enxertada uma parte cristã. É uma experiência única no mundo!!! Uma experiência a continuar!!! Uma experiência a imitar!!! Uma experiência quase única a não destruir!!! Uma experiência a desenvolver e a incentivar!

Se, ao longo dos séculos houve sempre abusos, guerras, invasões, barbáries e comportamentos fora das normas, isso foi relativamente limitado, acabando num acordo e, por vezes, na sujeição de um povo a outro povo; e sempre num *modus vivendi*. Mas aquilo a que se assistiu nestes últimos tempos, no século XXI, ultrapassou todos os limites e saiu da lógica histórica do comum. É, em primeiro lugar, o fracasso total da política mundial para impor a todos os povos a paz, a justiça e o desenvolvimento. Um duro fracasso da diplomacia internacional no que respeita aos valores da liberdade, da igualdade e da fraternidade... Um fracasso e uma vergonha para os defensores dos direitos humanos, da criança, da mulher, do património dos povos... Passividade, cobardia e indiferença sem igual – Pôncio Pilatos continua presente: os seus seguidores são muitos!!! Os



**IIIème Rencontre Internationale des Responsables Régionaux**  
*Roma 6-11 Septembre, September, Setembro, Septiembre, Settembre 2015*

cristãos do Oriente estão praticamente abandonados à sua sorte, ameaçados de morte e de desaparecimento, como Jesus na Cruz.

**C – RESPONSABILIDADE POLÍTICA INTERNACIONAL**

**PORQUÊ TUDO ISTO? QUEM MANDA?**

Em muitas partes do globo, assiste-se a uma perseguição contra os cristãos, à destruição das suas igrejas, do seu património cultural que, de resto, diz respeito a toda a humanidade. É este o drama dos cristãos do Oriente; o Oriente esvazia-se dos seus habitantes originais. Por que procuramos desesperadamente acabar com a convivência entre cristãos e muçulmanos e outras civilizações?

É tempo de as consciências acordarem para acabar com a guerra, impondo um embargo ao fornecimento de armas. É tempo de os direitos legais dos povos serem reconhecidos e respeitados. Como estamos ainda longe do Édito de Milão (313), por um lado, e da Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948), por outro! O Ocidente europeu chora até hoje a queda de Constantinopla, em 1453, mas não vai servir de nada chorar mais tarde a sorte dos cristãos do Oriente.

Os organismos internacionais devem manifestar-se e pôr fim à situação presente. É necessária uma força internacional, justa, para separar os beligerantes. É da responsabilidade do Ocidente partilhar as suas conquistas democráticas, culturais, económicas, jurídicas... com os países do terceiro mundo. Mas isso não acontece. Fala-se de cumplicidades, de projectos «satânicos», de massacres, de genocídios, de alterações dos mapas, sacrificando os cristãos e o seu património.

Por que chegaram até aqui as potências deste mundo? Porque perderam os critérios morais e voltaram ao espírito tribal, aos interesses particulares e egoístas. Por outras palavras, chegaram a este estado de decadência e de corrupção porque não conseguiram pôr termo à louca rivalidade que rege os seus interesses particulares. Alienadas, adoptam a cultura da violência e da exclusão. Dois pesos e duas medidas!

Como reagir? Devemos desesperar? Claro que não. Os organismos internacionais são chamados a constituir uma frente comum para fazer cessar as guerras, uma coligação eficaz para pôr termo aos massacres e aos genocídios. É necessária uma força internacional, justa, para separar os beligerantes. É da responsabilidade do Ocidente partilhar as suas conquistas democráticas, culturais, económicas, jurídicas... com os países do terceiro mundo. Se não se fizer nada, mostra-se mais uma vez que somos cúmplices. Não é permitido esquivar-se dizendo não ter conhecimento do que se passa. Os meios de comunicação estão agora em toda a parte e ao alcance de todos. É inútil representar o papel de Caim ou de Pôncio Pilatos.

Prestem atenção ao que quero dizer-vos: se esta medida para fazer cessar a guerra não for adoptada, o mais rapidamente possível, a situação vai forçosamente voltar-se contra o Ocidente. Se os cristãos do Oriente, durante 1400 anos, se mantiveram firmes perante o Islão, levando ao Renascimento árabe e à sua lenta abertura à modernidade, a Europa não o fará durante tanto tempo.



Equipes Notre-Dame

**IIIème Rencontre Internationale des Responsables Régionaux**  
*Roma 6-11 Septembre, September, Setembro, Septiembre, Settembre 2015*

A Europa histórica teve um problema com o outro. Fez a experiência as Cruzadas e da Inquisição contra o Islão e os infiéis. Conheceu as guerras religiosas...

Os cristãos do Oriente, apesar de todos os seus sofrimentos, dos dramas e da injustiça que suportam, continuam dispostos a voltar a fazer a experiência da convivência com os povos do Médio Oriente. É nisto que reside a sua vocação e o seu génio. É do interesse da Europa e do mundo inteiro que eles permaneçam junto do Islão árabe. É também do interesse do diálogo inter-religioso. Eles podem estabelecer uma ponte cultural, espiritual e política entre os dois Mundos, e trabalhar pela paz no mundo.

O que os cristãos reclamam, para eles e para os outros, é o direito à vida, o direito à liberdade e o direito à justiça. Ajudem-nos a desempenhar este papel. A vida com o outro exige muita coragem e muita responsabilidade. A vida com o outro não é apenas uma necessidade, exigida pela vida comum numa sociedade diversificada; é sobretudo uma riqueza para todas as partes. A convivência, que se torna um sério desafio para a humanidade, permite uma amálgama criativa das diferentes partes. Há que a impor.

1 – LIÇÕES A TIRAR PELO OCIDENTE: O ocidente tem de aprender. Os governos ocidentais são culpados na medida em que permitiram a «excepção árabe» por acreditarem que os seus interesses na região seriam mais bem servidos pela promessa ilusória de «estabilidade» de dirigentes autoritários do que pelas incertezas de um governo eleito.

No Médio Oriente e no Norte da África, o Ocidente parece ter-se contentado em apoiar uma série de autocratas árabes, desde que, por seu lado, eles apoiassem os interesses ocidentais. Em outros lugares, os governos, pelo menos em princípio, eram tidos por estar ao serviço do seu povo, mas o Ocidente contava com os monarcas e os homens fortes do mundo árabe para garantir «a estabilidade», para abafar as reivindicações populares. A promoção mundial dos direitos humanos incluía uma excepção árabe.

A Primavera Árabe mostrou que muita gente na região não partilha a complacência do Ocidente para com os regimes autocráticos. Já não querendo ser os súbditos passivos de dirigentes egoístas, começaram a insistir no sentido de passarem a ser cidadãos de pleno direito do seu país, os próprios artífices do seu destino. Num país a seguir ao outro, um acto de repressão suscitou a indignação popular contra um regime que tinha exagerado na violência. Desta vez, a “rua árabe”<sup>NT1</sup>, muito discutida mas inactiva há muito tempo, levantou-se e perturbou a antiga ordem. Ao encontrar a sua voz e o seu poder colectivo, os povos da região transformaram a sua vida política de tal maneira que não será fácil voltar atrás.

Os árabes não conseguiram criar democracias nem cidadãos. Outros países islâmicos fizeram-no melhor.

---

<sup>NT1</sup> Metáfora para designar a opinião popular no mundo muçulmano.

## 2 – LIÇÕES A TIRAR PELO ISLÃO ÁRABE:

Não estou habilitado a dar lições ao Islão, ou a quem quer que seja. Muitas associações que se reclamam do Islão pregam a abertura, o diálogo e a moderação. O Islão e os muçulmanos árabes acabaram por se colocar numa situação difícil. Têm interesse em voltar a dourar a sua imagem de marca face ao mundo, tanto político como religioso, para evitar esta equação: muçulmano igual a terrorista e bárbaro. O Islão tem interesse em se demarcar de todos os que matam e espalham o terror em seu nome. Deve mostrar que um certo Islão está inocente dessas atrocidades. Tem interesse em incentivar a corrente dos moderados e dos pacifistas. Tem interesse em participar no diálogo, em salvaguardar a convivência e em continuar a estar aberto ao outro. A violência em nome de Deus está fora de moda. Em contrapartida, é imperioso reduzir o analfabetismo, a ignorância e o desemprego, ou seja, reforçar os serviços sociais.

Actualmente, não é possível que a situação persista tal como foi durante o 1<sup>º</sup> e o 2<sup>º</sup> milénio. A experiência negativa de uma parte do passado, a ausência da igualdade na cidadania e o discurso salafista alimentam a violência em nome da religião. O cristão ainda não esqueceu a amarga experiência da *dhimmitude*<sup>NT2</sup> e de tudo o que daí deriva.

Mas creio que é do interesse do Islão trabalhar por uma verdadeira democracia e por um Estado civil, em palavras e na prática. Caso contrário, ambas as partes terão de pagar a deplorável ausência destas duas concepções. O facto de o Ocidente persistir no ataque ao Islão, a proibição do véu, o acto de queimar os livros santos, tudo isso alimenta o ódio e faz com que os cristãos do Oriente paguem um preço muito elevado.

O Islão é chamado a aceitar a mão estendida dos cristãos árabes, originários daquela terra. Eles acolheram-nos desde os primeiros tempos, rejeitando a sua aliança com os seus correligionários, os bizantinos, que os oprimiam quer pelos impostos quer pelo seu comportamento arrogante e despótico. Mas, a pouco e pouco, verificou-se que se tornavam, de novo, reféns das lutas entre os grandes deste mundo, devendo sofrer as reacções do Islão Salafista, que não fazia distinção entre eles e os cristãos do Ocidente. Mas quem pode provar que a política das potências ocidentais para com os árabes e os muçulmanos reflecte um rosto cristão? E quem pode dizer que os governantes do Ocidente agem em nome do cristianismo? Gritemos bem alto que os cristãos do Oriente foram os construtores do Médio Oriente e que existiam muito antes da chegada do Islão. Além disso, foram eles que produziram a cultura árabe-muçulmana, e é deles o mérito de dar a conhecer o Islão ao Ocidente e de ensinar a língua árabe a muitas gerações ocidentais apaixonadas pelo orientalismo. Foram eles os campeões de todos os movimentos de tradução e os transmissores de culturas entre o mundo grego, siríaco, latino e árabe. Graças a eles, os tesouros do Oriente passaram para as línguas europeias, e os tesouros do Ocidente para as línguas orientais. Os cristãos do Oriente não merecem este destino da parte do mundo muçulmano; a sua marginalização e o seu desenraizamento terão consequências muito nefastas.

---

<sup>NT2</sup> “*dhimmitude*” refere-se à situação de um não muçulmano que é considerado súbdito de segunda classe de um estado islâmico.

Creio que algumas nações árabes renascem com base numa grande aquisição da cultura ocidental, o que em nada diminui a sua particularidade islâmica. Pelo contrário, isso consolida as suas próprias responsabilidades. A civilização árabe renasce assente em duas directrizes fundamentais: a afirmação categórica do direito de cada povo árabe à sua independência nacional e a afirmação do direito da nação árabe à unidade de todos os árabes.

Adoptar o Estado de direito não quer dizer afundar-se na laicidade à maneira europeia e deixar de lado a fé ou a filiação religiosa; também não é trabalhar por um regime de carácter religioso. O que é necessário é trabalhar no sentido da cidadania.

### 3 – LIÇÕES A TIRAR PELOS PRÓPRIOS CRISTÃOS DO ORIENTE:

O grande perigo que correm os cristãos do Oriente é certamente a divisão entre eles, ou seja, a não solidariedade entre eles. Procuram em vão uma causa que os una, que dirija os seus esforços e que motive os seus compromissos. Em vez de ser uma riqueza teológica, cultural, económica e política, a sua diversidade dispersa-os e liga-os a forças tanto do interior como do exterior. O mínimo que se pode dizer é que pecam, sem o saber, contra a sua preciosa herança e, por vezes, dão um contratestemunho no seu clientelismo, nas transigências da sua consciência, no seu nepotismo...

É Antioquia, Alexandria, Constantinopla e Jerusalém, em comunhão com Roma, que devem, em última análise, reunir-nos para nos unir. Ou seja, a nossa pertença às nossas origens siríaca, aramaica, grega e copta. Ou seja, a nossa pertença a Cristo e ao seu Evangelho. O legado das Igrejas apostólicas de Antioquia, de Alexandria e de Jerusalém, bem como o seu património, são comuns a todas as Igrejas do Oriente.

Além disso, se se pensa que as perseguições de todos os lados aumentam a vaga considerável de refugiados-vítimas, para escapar aos massacres, à prisão, à fome, à morte, e a todo o tipo de abusos ou de extermínio, vão assustar os cristãos e levá-los a mudar de religião, isso é pura ilusão. A Igreja não tem medo, está habituada a este tipo de incompreensão e de rejeição, que pode transformar-se numa afirmação positiva eclesial de primeira ordem. Está rodada já desde os primeiros tempos. Lembrem-se desta reflexão de Tertuliano: «*O sangue dos mártires é semente de novos cristãos*». A Igreja resiste por Aquele que a fortalece, e as perseguições aumentam mesmo o número das testemunhas e dos mártires! Este é o momento ideal para os cristãos do Oriente poderem renovar a sua fé, descobrir a sua vocação de testemunhas e manifestar o seu compromisso para com o Senhor Ressuscitado trabalhando sinceramente pela sua unidade! De resto, a Igreja nunca avança sem mártires!!!

### CONCLUSÃO

Por último, e para terminar esta intervenção, reitero a minha crença no renascimento do Médio Oriente, na sua emancipação e no seu ressurgimento a partir da sua história. A igualdade, o fim da opressão, o fim das discriminações e de todas as dependências são a condição *sine qua non* da



III<sup>ème</sup> Rencontre Internationale des Responsables Régionaux  
Roma 6-11 Septembre, September, Setembro, Septiembre, Settembre 2015

fraternidade. O Médio Oriente não pode continuar a ser a região dos conflitos, mas a de uma nova sabedoria, na paz e na democracia.

É responsabilidade internacional apoiar firmemente os corajosos esforços dos povos árabes para reivindicar os seus direitos até que estes sejam recompensados e velar por que o derrube de um regime autocrático não conduza à sua substituição por outro do mesmo tipo.

Numa palavra, as duas civilizações, árabe e ocidental, uniram-se para criar uma civilização única no seu género (*sui generis*) baseada no humanismo e ligada a uma cultura universal, em conformidade com o direito dos povos e no respeito pelas minorias. Esta cultura, que é a síntese do helenismo, da civilização cristã-romana, do arabismo e da latinidade, merece ser vivida. Se houver confronto de ideias, isso poderá ajudar muitíssimo no sentido da aproximação dos povos e de fazer desaparecer complexos psicológicos, feitos de desconfiança ou de medo. É na convergência dos nossos esforços comuns que encontramos a nossa humanidade, baseada na necessidade de caridade e de justiça e apaixonada pela paz e pela liberdade, sem as quais não há verdadeira cultura.

\*\*\*\*\*

Podemos falar de ESPERANÇA? O desaparecimento dos cristãos já começou há muito tempo, há mais de um século: arménios, assírios, caldeus, maronitas (fome, migração)...

É junto dos santos que encontramos a esperança: Charbel, Rafqa, Hardini, Béchara Abou MRAD, Marie Alfonsine, Maria Bawardi... Encontramo-la junto das pessoas honestas, que são muitas. Encontramo-la entre a juventude, que está pronta a ser bem enquadrada e que espera que nela sejam inculcados os valores do Evangelho. Compete à Igreja local fazê-lo. Mas defendo também que os cristãos orientais da Expansão têm também um papel importante a desempenhar na eventual reforma, não só económica mas também espiritual, cultural e política. Mas isso será objecto de outra conferência!!!

UM GRITO: Sim, nós, cristãos do Oriente, temos uma necessidade imperiosa do Ocidente, de vós, europeus e habitantes do mundo inteiro. Um único grito: ajudem-nos a ficar no Médio Oriente para cultivar a cultura da «convivência» com o Islão e com o Judaísmo. Está na vossa vocação fazê-lo. A cultura da convivência constrói-se sobre a tolerância e a paz, a igualdade, a fraternidade, a solidariedade, o altruísmo, o respeito e a dignidade do outro.

Não creio que o que acabo de dizer seja «pura teoria» ou tenha a ver com o domínio do sonho. Não! As teorias são verificáveis e os sonhos são realizáveis. A Igreja não pode respirar senão com os seus dois pulmões: o oriental e o ocidental. E, graças às Igrejas do Oriente, que agora adoptaram a língua árabe como língua de oração, o reino dos Céus pode ser mais bem anunciado.

Mons. Maroun Nasser GEMAYEL (2015)  
Bispo da eparquia maronita Nossa Senhora do Líbano em Paris  
Visitador Apostólico dos Maronitas na Europa

## ANEXO

### I – Será realmente necessário lembrar o que se entende pela expressão «cristãos do Oriente»?

*Esta expressão é, por vezes, utilizada para designar «no sentido mais amplo» os cristãos não latinos, sobretudo ortodoxos. É usada em particular para definir os cristãos que dependem essencialmente das «Igrejas ortodoxas orientais» — ou não calcedonianas (Igrejas dos dois e dos três concílios) — mas, por vezes, também «Igrejas ortodoxas do Oriente» — ou «calcedonianas» (Igrejas dos sete concílios) — a que alguns autores católicos adicionam as Igrejas católicas orientais.*

*Os cristãos incluídos nestas designações representam minorias mais ou menos significativas no Irão, na Turquia, na Índia, na Indonésia, na Etiópia, na Eritreia, no Egipto, na Arménia, na Síria, no Líbano, mas também, através da sua expansão, na Europa, na América do Norte e do Sul ou ainda na Austrália.*

#### **O nascimento das comunidades cristãs no Oriente:**

O cristianismo nasceu e começou a desenvolver-se na parte oriental do Império Romano. Foi em Antioquia, então capital da província romana da Síria, que pela primeira vez foi dado aos discípulos de Cristo o nome de «cristãos». Se os inícios do cristianismo são relativamente bem conhecidos, é mais difícil traçar a história das comunidades cristãs do Oriente fora do Império. Contudo, é certo que Edessa, capital do reino de Osroen, esteve no centro da cristandade de língua aramaica. Os primeiros vestígios de cristãos em Edessa datam do ano 200. Também parece que a evangelização da Mesopotâmia tenha partido desta cidade. No Irão, o cristianismo desenvolve-se durante o reinado do imperador Shapur I em meados do século III, devido à deportação para a Pérsia de prisioneiros cristãos de origem grega ou aramaica. Todas estas comunidades dependem do patriarca de Antioquia. A partir dos finais do século III, o cristianismo propaga-se ao longo do Golfo Pérsico. Quando Constantino se converte, no início do século IV, os cristãos do Oriente formam uma comunidade grande e organizada. Em meados do século IV, menciona-se a existência de cristãos no Ceilão e uma diocese no que é hoje o estado de Kerala.

**Acrescente-se a isto:** os cristãos da Mesopotâmia e do Egipto.

II – Segue-se um quadro com os tipos e nomes das diferentes Igrejas do Oriente:

Tipo	Nome	Comentário
Igrejas não efesianas	Igreja do Oriente	Nascida no século I, remonta ao apóstolo S. Tomé. Cindiuse em 1553, data em que um ramo caldaico (ver abaixo) se uniu a Roma. Cada uma destas duas Igrejas tem o seu patriarca.
	Igreja caldaica	Separa-se em 1553 da Igreja anterior e une-se a Roma.
Igrejas não calcedonianas	Igreja siríaca de Antioquia	Organizada em patriarcados, celebra o rito aramaico. Um parte está unida a Roma.
	Igreja copta	Foi fundada pelo evangelista Marcos, procedente da Igreja de Alexandria. Sob a jurisdição de um patriarca-papa, os coptas celebram o seu rito nas línguas copta e árabe.
	Igreja apostólica arménia	Fundada no século IV por Gregório o Iluminador.
Igrejas calcedonianas	Igrejas grega ortodoxa e greco-católica (ou melquita)	Fiéis à doutrina da pessoa única de Cristo em duas naturezas, são de rito bizantino. Os gregos ortodoxos dependem do patriarca de Constantinopla. Os melquitas – unidos a Roma – dependem do de Antioquia, de Jerusalém ou de Alexandria.
	Igreja maronita	Implantada no Líbano, na Síria, na Terra Santa, no Egipto e em Chipre, e nos cinco continentes. Unida a Roma, mas organizada em Patriarcado autónomo. O culto celebra o rito em siríaco ou em árabe, mas também nas línguas da Expansão.
Igreja latina	Patriarcado Latino	Patriarcado herdeiro dos Cruzados, dirigido por Mons. Fouad TWAL, que reúne fiéis no Médio Oriente. O rito é celebrado em árabe e, por vezes, em latim.
	Igrejas Protestantes	A estes «latinos» há que acrescentar as Igrejas protestantes implantadas desde o século XIX.